



**O SUICÍDIO NO CONTEXTO ESCOLAR: O COMPLEXO E EMERGENTE
FENÔMENO ATRAVÉS DO BULLYING E DOS DESDOBRAMENTOS DO JOGO
VIRTUAL BALEIA AZUL**

**SUICIDE IN THE SCHOOL CONTEXT: THE COMPLEX AND EMERGENT
PHENOMENON THROUGH BULLYING AND THE DEPLOYMENTS OF THE
VIRTUAL GAME BLUE WHALE**

Fábia de Oliveira Rodrigues Maruco¹

Lino Rampazzo²

**EIXO: Docência e Promoção de Culturas de paz: Educação Social e Direitos Humanos -
Violências na escola - conceitos, aspectos legais**

Resumo: O ambiente escolar é o espaço para o desenvolvimento intelectual do indivíduo, contribuindo para a sua formação enquanto cidadão. No entanto, a realidade revela situações de violência, dentre as quais se destaca o *bullying*. Cresce o número de jovens que se matam debaixo dos olhos de seus pais, mergulhados nas águas profundas do mar de angústias numa alusão às baleias, que cometem suicídio encalhando em águas rasas. O jogo virtual Baleia Azul faz referência à fragilidade desse animal. Baseado em estudos bibliográficos, o presente artigo pretende discutir, averiguar, o papel dos pais, professores e responsáveis na prevenção e combate do suicídio no âmbito escolar.

Palavras-chave: Educação. Bullying. Suicídio. Baleia Azul.

Abstract: The school environment is the intellectual space of the individual, contributing to his education as a citizen. However, the reality reveals situations of violence, among which *bullying* stands out. The number of young people who kill themselves under the eyes of their parents, plunged into deep water of anguish in an allusion to whales, who commit suicide stranding in shallow waters grows. The virtual game Blue Whale makes reference to the fragility of this animal. Based on bibliographical studies, the present article intends to discuss, to investigate, the role of parents, teachers and responsible in the prevention and combat of suicide in school.

Keywords: Education. Bullying. Suicide. Blue Whale.¹

¹Mestranda em Direitos Difusos e Coletivos do Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Unidade Lorena – SP.

Introdução

A sociedade moderna vem sendo sacudida por um assunto que não representa nenhuma novidade e que ainda é considerado um tabu: o suicídio de adolescentes em âmbito escolar.

Cresce assustadoramente o número de jovens, que debaixo dos olhos dos pais, professores e diretores de Escola, se matam na busca de amenizar seu sofrimento, suas angústias e expectativas. Mas, afinal, o que está acontecendo?

Estamos diante de duas situações distintas: de um lado, adolescentes que pouco se pronunciam acerca de seus sentimentos e que buscam refúgio nos melhores amigos, aqueles em que podem confiar – amizade que se dá em âmbito escolar estendendo-se para o ambiente virtual. De outro, pais e responsáveis cada vez mais alheios ao que se passa na vida desses adolescentes, que se excluíram das mais variadas formas da vida de seus filhos, que não se preocupam sequer com as companhias; no âmbito escolar, professores mais preocupados com o cronograma do que com a essência do ensinar.

Quando o adolescente se deixa levar pela tristeza, pela angústia, pelo sofrimento, acaba por desistir de tudo aquilo que faz sentido em sua vida, vendo no suicídio a solução para os seus problemas.

Neste contexto, fabricam-se pais que não sabem serem pais e filhos que não sabem mais a quem recorrer. É desse enfraquecimento da base familiar, do não encontro do porto seguro, que muitos adolescentes completamente desorientados irão mergulhar nas águas profundas do mar das angústias que começam a surgir algumas “baleias”.

O nome do jogo virtual da “baleia azul” é uma alusão a este animal que, ao se sentir “fragilizado” comete suicídio encalhando em águas rasas.

Analisando cuidadosamente os desafios desse jogo, podemos perceber que se trata de um ritual de passagem: os desafios como “desenhar uma baleia”, “talhar na própria pele uma baleia” para, por fim, “ser uma baleia”, nada mais é do que uma forma de expressar a jornada vazia de sentido e significado na qual nossos jovens estão, a cada dia, mais e mais expostos. Uma jornada penosa e solitária, que de tamanha angústia, alguns enxergam no suicídio proposto pelos curadores, a ilusão de um porto seguro que apazigue a angústia que sentem. (OLIVEIRA, 2016, p. 174).

E-mail: fabiamaruco@hotmail.com

²Pós-Doutor em Democracia e Direitos Humanos (Universidade de Coimbra). Doutor em Teologia (PUC Lateranense - Roma). Professor e Pesquisador no Programa de Mestrado em Direito do Centro Unisal (SP)

E-mail: lino.rampazzo@uol.com.br

Os “curadores”, palavra que no latim significa *aquela que cuida*, ganha contornos paradoxais, traduzindo muito bem a inversão dos valores na sociedade: pais, filhos e escola à deriva neste mar de angústias e sem como agir. Talvez por medo de descobrir o que tem de verdade neste mar.

O ambiente escolar é considerado um espaço para o desenvolvimento intelectual do indivíduo, contribuindo para a sua formação enquanto cidadão.

No entanto, a realidade revela situações de violência, dentre as quais: agressões físicas, psíquicas, coação moral e física, lesão corporal, rivalidades, indiferença, perseguições, perversidades, incivildades, denominadas *bullying*. Tais questões não devem ser tratadas apenas como originárias em âmbito escolar por se tratarem de projeção social com graves consequências para a qualidade de ensino e para a vida das pessoas envolvidas nesse evento danoso.

[...] compete ao Estado e a Família, bem como às pessoas envolvidas no processo de ensino-aprendizagem e aos profissionais da área de saúde, enfim, toda a sociedade, um olhar cuidadoso, maior preocupação e cuidado com as crianças e adolescentes nos espaços escolares e em suas relações sociais, devendo se conhecer, entender, para, então, buscar-se soluções para os casos de *bullying*.(ALKIMIN; NASCIMENTO, 2012, p. 13).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, o suicídio é atualmente um problema de saúde pública, sendo uma das três principais causas de morte, entre pessoas de 15 a 44 anos, e a segunda entre as de 10 a 19 anos.

Tecer-se-á neste artigo considerações baseadas em estudos bibliográficos para averiguar, prevenir e combater o fenômeno do suicídio em âmbito escolar, as prováveis causas e circunstâncias que levam muitos estudantes a cometê-lo, o fenômeno virtual da “baleia azul” e o papel da escola como formação intelectual do indivíduo.

1 O direito fundamental à educação: formação e socialização

A escola é parte integrante no processo de educação e representa um papel fundamental na redução desse fenômeno, por meio de programas preventivos e ações combativas nos casos já constatados. Contudo, é necessário que a instituição atue conjuntamente com os familiares dos alunos para garantir a eficácia do combate à violência.

É no ambiente escolar que ocorrem as relações interpessoais, fundamentais para o crescimento dos jovens e que contribuem para educá-los para a vida adulta.

O artigo 227 da Constituição Federal dispõe que:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda a negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n. 8.069/90) regulamentou esta previsão constitucional, inserindo o direito à educação no capítulo dos direitos fundamentais da criança e do adolescente, estabelecendo:

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes:

- I- igualdade de condições para o acesso e permanência em sua escola;
- II- direito de ser respeitado por seus educadores;
- III- direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;
- IV- direito de organização e participação em entidades estudantis;
- V- acesso à escola pública gratuita próxima de sua residência.

Parágrafo único. É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.

A aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei 9.394/96, assinala um momento de transição significativo para a educação brasileira: a busca da qualidade, no sentido de formar cidadãos eficientes, competitivos, líderes, produtivos, rentáveis.

A Lei, em seu artigo 61, coloca como finalidade da formação dos profissionais da educação “atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase de desenvolvimento do educando”.

As recentes diretrizes e bases da educação nacional não têm o poder, por si só, de alterar a realidade educacional e, de modo especial, a formação inicial e continuada de professores, mas podem produzir efeitos em relação a essa mesma realidade.

As escolas estão mais sensíveis e atentas às mudanças globais procurando iniciar processos de inovação e de reforma que poderão dar conta dos novos desafios. Isso se dá não

somente diante da necessidade de modificar a organização escolar, os conteúdos programáticos, os métodos de estudo, mas, sobretudo, a mentalidade da educação formal. Neste sentido, Ana Beatriz Barbosa Silva assim se expressa:

Até bem pouco tempo, o aprendizado do conteúdo programático era o único valor que importava e interessava na avaliação escolar. Hoje é preciso dar destaque à escola como um ambiente no qual as relações interpessoais são fundamentais para o crescimento dos jovens, contribuindo para educá-los para a vida adulta por meio de estímulos que ultrapassam as avaliações acadêmicas tradicionais (testes e provas). Para que haja um amadurecimento adequado, os jovens necessitam que profundas transformações ocorram em ambiente escolar e familiar. Essas mudanças devem redefinir papéis, funções e expectativas de todas as partes envolvidas no contexto educacional. (SILVA, 2010, p. 63).

A preocupação com a construção de uma sociedade democrática se fez nítida com a promulgação da Constituição Federal no ano de 1988, reconhecida como constituição cidadã devido aos avanços em reconhecimento de direitos. A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDB), promulgada no ano de 1996, também contemplou a formação para a cidadania. No entanto, a inclusão da educação em direitos humanos na educação formal ainda passou por diversos questionamentos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) também representaram avanços quanto ao respeito aos direitos humanos por tratarem, em temas transversais, princípios de dignidade humana.

Em 2003 foi criado o Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos e elaborado o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH), como representativo das políticas públicas educacionais em direitos humanos.

No ano de 2012 foram publicadas no *Diário Oficial da União* as *Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos*, após aprovação do Conselho Nacional de Educação e mais tarde, em 2013, foi lançada a atualização.

Talita Santana Maciel, por um lado, reconhece estes avanços, mas, por outros aponta para a necessidade de enfrentar novos desafios, nestes termos:

Houve um significativo avanço no tema da educação em direitos humanos, tanto por parte da sociedade civil organizada, quanto por parte das políticas públicas. No entanto, as violações diárias de direitos revelam que é preciso que haja avanço também no sentido de mudança de mentalidades e de mudança cultural, para que emergja uma cultura com base sólida pautada nos direitos humanos. A existência de documentos que buscam promover uma educação baseada nos princípios de igualdade, solidariedade e liberdade, por si só não é suficiente. Outros fatores são necessários na construção de uma educação em direitos humanos que realmente contribua no emergir dessa nova cultura, (MACIEL, 2016, p. 43).

O ensino deverá estar voltado não somente para a preparação do jovem para o mercado de trabalho como também a lidar com fenômenos como o *bullying*, que expõe a intolerância às diferenças, dissemina as mais diversas formas de preconceitos e a covardia das relações interpessoais dentro e fora dos muros das instituições.

2 O *bullying* e a violência no contexto escolar: efeitos e consequências

A temática da violência em meio escolar tem vindo a assumir uma evidente e crescente relevância nos contextos nacional e internacional, revelando uma problemática impulsionadora de sérios e crescentes desafios que se apresentam às políticas do presente século, implicando um exercício de reflexão fundamentada e problematizadora.

Vivenciar situações de violência, designadamente em meio escolar, seja no papel de vítima, agressor, vítima/agressor ou testemunha, poderá originar distúrbios diversos, especificamente, problemas de inserção social ou problemas de saúde mental, situando assim a problemática da violência em contexto escolar como um objeto de profunda preocupação e complexidade, esclarecendo, ainda, para a necessidade de implementar medidas e dinamizar programas que visem a redução da violência nas comunidades escolares e assegurem a prevenção de problemas psicossociais das crianças e dos adolescentes (BLAYA, 2008).

A violência em contexto escolar, que merece a atenção de profissionais de diferentes áreas, poderá assumir uma multiplicidade de manifestações, nomeadamente, distúrbios de comportamento, comportamentos de oposição, violência física e verbal, perturbação da atenção com hiperatividade, vandalismo, comportamento delinquente, déficit de competências, fatores desenvolvimentais ou *bullying*, reclamando uma abordagem holística e multidisciplinar (COSTA, 2001). Não se esqueça que, mais especificamente, “o *bullying* é apenas uma das manifestações de uma sociedade violenta. Violência são todas as manifestações de violação dos direitos humanos: por isso dividem-se em várias formas.” (RAMPAZZO, 2011, p. 149).

De origem inglesa e sem tradução no Brasil, o termo *bullying* é utilizado para qualificar comportamentos violentos em âmbito escolar, tanto de meninas quanto de meninos. Dentre os comportamentos, destacam-se: agressões, assédios, ações desrespeitosas, todas utilizadas de maneira intencional por parte do autor em relação ao seu alvo. O mesmo autor especifica que:

o alvo costuma ser um aluno com baixa autoestima e retraído, tanto na escolar, quanto no lar. Devido a isso, é difícil que um jovem com estas características psicológicas, consiga reagir. Consequentemente, dá-se a repetição no *bullying*, pois se o aluno procura ajuda, a tendência é que a provocação cesse. (RAMPAZZO, 2011, p. 148).

Dentre as consequências psíquicas e comportamentais do *bullying* destaca-se a depressão, caracterizada pela tristeza persistente, ansiedade e sensação de vazio, sentimentos de culpa, insônia ou excesso de sono, dificuldades de concentração, sentimentos de desesperança ou pessimismo, perda de interesse em atividades que anteriormente despertavam prazer, ideias e tentativas de suicídio. E, sobre as causas do suicídio e até seu “incremento”, Ana Beatriz Barbosa Silva afirma:

A depressão em crianças e adolescentes foi, por muito tempo, ignorada ou subdiagnosticada. Porém, atualmente, os estudos sugerem um alto nível de incidência de sintomas depressivos na população escolar. Atualmente o número de suicídios entre adolescentes vem apresentando aumento significativo, configurando-se em uma das principais causas de morte nessa faixa etária. (SILVA, 2010, p. 28).

O fenômeno do *bullying* é constatado com maior frequência entre alunos do ensino médio e no ensino fundamental, até mesmo em crianças de tenra idade, por meio de pequenos gestos hostis e de exclusão do outro.

Atualmente, há crescimento expressivo no âmbito universitário, através da aplicação de trotes, situações onde o estudante poderá ser perseguido no decorrer do curso, sendo vítima de reiteradas práticas abusivas e desrespeitosas.

Dados trazidos pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA-INEP), mostram que no Brasil um a cada dez estudantes é vítima frequente de *bullying*. Aproximadamente 17,5% dos alunos brasileiros, na faixa dos 15 anos, sofreram algum tipo de *bullying* pelo menos algumas vezes no mês.

Na prática, as instituições de ensino ainda não estão preparadas para lidar com o *bullying*, primeiro porque, por meio de seus agentes, não conseguem identificar o início dos conflitos existentes entre alunos e alunos-professores ou, quando o identificam, não sabem lidar com o problema. Normalmente, a maneira utilizada erroneamente é a da repressão para resolver a agressividade.

Assim, torna-se necessária a implantação de políticas públicas e institucionais que visem treinar o olhar do educador para identificação do *bullying* e para a adoção de todo cuidado necessário a fim de se evitar que o ambiente escolar seja contaminado. E, a respeito disso, Maria Aparecida Alkimin e Grasielle Augusta Ferreira Nascimento, apontam para os principais responsáveis:

Incumbe-se aos pais, professores, enfim, a todos os autores envolvidos no processo de educação, a ajuda da vítima do *bullying*, ensinando-lhe autoestima e caminhos para lidar com a situação, sem mágoas ou revides, promovendo a inclusão, e não exclusão do ambiente escolar. (ALKIMIN; NASCIMENTO, 2012, p. 56).

O *bullying* é uma problemática mundial e nenhuma sociedade pode ficar indiferente ao sofrimento vivido e, tantas vezes silenciado, por medo e vergonha, pelas vítimas deste grave problema que poderá transformar a vida dos nossos filhos, netos, irmãos, primos, sobrinhos, amigos, alunos, num verdadeiro pesadelo, muitas vezes, sem fim à vista.

Todos temos a responsabilidade e o dever consciente de procurar compreender e não ignorar para, então, melhor atuar, de modo a prevenir e combater, eficazmente, a violência e os comportamentos de *bullying* observados e vivenciados em diversas situações e contextos (SANTOS; RAMOS, 2016).

3 Suicídio: o drama silencioso

A adolescência é uma etapa da vida onde se desenvolve no adolescente sua independência, sua autonomia, a formação de sua personalidade. É uma fase de descobertas, de construção de sua intimidade, com transformações físicas, emocionais, fisiológicas e psicossociais e nem sempre é fácil de lidar com essas adaptações.

Muitos jovens ainda não estão preparados para encarar sozinhos estes desafios com independência. Sentem-se deprimidos, solitários, incompreendidos, levando a cometerem o suicídio, solução para pôr termo à dor emocional.

Adolescentes mais introvertidos são incapazes de partilhar seu sofrimento e, por isso, estão mais vulneráveis e expostos a risco.

Qualquer alteração comportamental, social (introversão e isolamento), de rendimento escolar, acadêmico (fracos resultados escolares e desmotivação), ou aparência (expressão facial e olhar no vazio) são sinais de alarme. Para Brandalise e Perez (2017, p. 3):

40% foi a taxa de crescimento de casos de suicídio no Brasil em 10 anos na faixa de 10 a 14 anos;

33,5% Foi o aumento do índice entre adolescentes de 15 a 19 anos;
434 Tentativas de suicídio, em média, acontecem por dia no Brasil;
2 Jovens brasileiros até 18 anos tiram a vida, em média, por dia no mundo o que dizem as pesquisas;
7,3% De todas as mortes de jovens são decorrentes de suicídio, atrás somente de acidentes de trânsito e à frente do número de mortes por Aids;
90% Das pessoas de 15 a 24 anos que se matam têm algum problema mental ou de comportamento, como depressão ou ansiedade;
4 Em cada 5 jovens que tentam se suicidar dão sinais claros do que pretendem fazer.

Apesar disso, o Brasil ainda apresenta taxas de suicídio relativamente baixas em comparação internacional feita com base em dados compilados pela ONU. Ocupa o 8º lugar no Ranking. (Coreia do Sul 30 por 100 mil, Rússia 25 por 100 mil).

O suicídio na juventude intriga médicos, pais e professores também pelo paradoxo que representa: o sofrimento num período da vida associado a descobertas, alegrias e amizades, não a tristeza e morte.

Crianças e adolescentes podem dar indícios de que precisam de ajuda. O que os pais, professores e amigos devem ficar atentos diante das seguintes atitudes deles:

- mudanças em sua personalidade;
- ansiedade, agitação ou depressão;
- queda no desempenho escolar;
- perda de interesse em atividades que sempre gostaram de realizar;
- isolamento da família e dos amigos;
- frequentes comentários autodepreciativos;
- desesperança quanto ao futuro, negativismo;
- interesse em conversas sobre a morte, sobre pessoas que morreram;
- falar de maneira clara ou implícita que têm vontade de morrer.

Perante as atitudes das crianças e dos adolescentes apontam-se, como resposta, as seguintes atitudes dos educadores:

- chamar a criança e o adolescente para um lugar tranquilo e calmo e pergunte o que ele está sentindo;
- não fazer julgamentos e cobranças ou dar conselhos que se baseiem na sua própria experiência, pois não pode ser diminuído o problema deles;
- se a conversa se desenrolar, é importante perguntar se e já pensaram em suicídio;
- conduzir a pessoa na busca por ajuda profissional. Ela pode não conseguir tomar essa iniciativa sozinha, então é importante marcar uma consulta e se oferecer para acompanhá-la.

O *bullying* no ambiente escolar é citado como um dos principais elementos associados ao suicídio. E também a rede social vem sendo palco para grupos que não só romantizam o suicídio, mas exortam jovens a cometê-lo, usando a falsa ideia do desafio, como o caso do jogo Baleia Azul, que vai ser abordado a seguir. Os jovens passam muito tempo nas redes sociais e os pais não sabem o que o filho está vendo ou com quem está falando. É preciso diálogo.

4 Baleia Azul e a necessidade das escolas em abordar o tema

O jogo virtual Baleia Azul constitui um dos jogos mais polêmicos da atualidade, onde jovens tentam o suicídio após serem desafiados.

O desafio é constituído por um pacto com os “curadores”, responsáveis pelo jogo, que estipulam as regras. De metas simples, como assistir a filmes de terror durante toda uma madrugada ou atravessar a rua lentamente, as brincadeiras se tornam mais perigosas com o tempo. Além de mutilar partes do corpo, o desafiante chega ao final cometendo o suicídio (última fase do jogo). Quem tenta desfazer o pacto, recebe inúmeras ameaças, humilhações e perseguições.

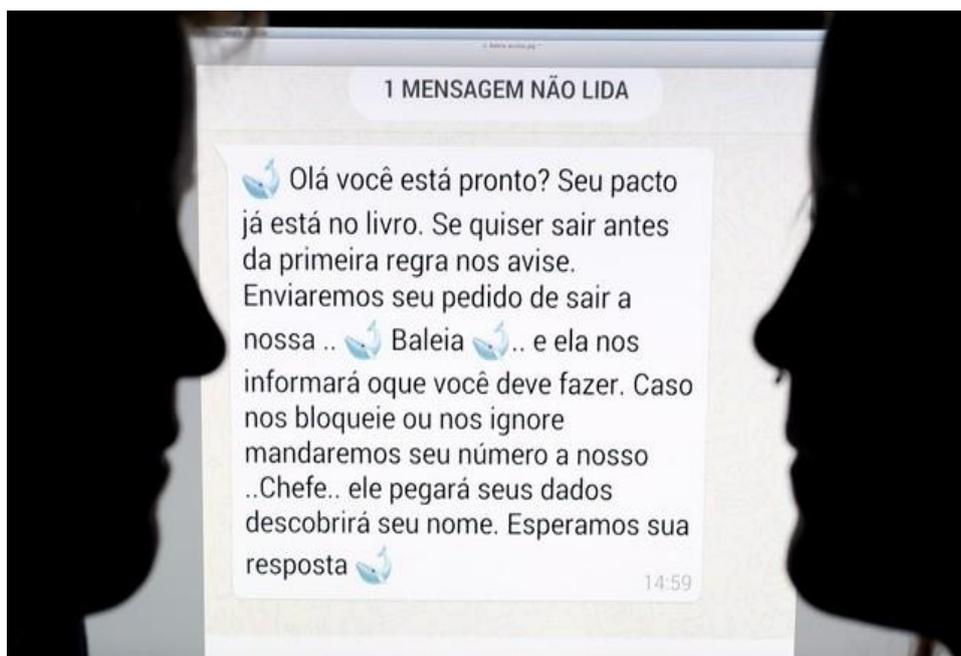
A origem e até a existência do suposto jogo, com 50 níveis de dificuldade, tendo o suicídio como resultado final, é polêmica. É um jogo praticado em ambiente fechado nas redes sociais, como Facebook e Whatsapp.

Atualmente oito Estados brasileiros vêm registrando com frequência mutilações com suspeita de ligação com o jogo Baleia Azul. Isso já causou alertas policiais, notadamente entre os seguintes estados: São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso, Pernambuco, Paraíba, Rio de Janeiro e Santa Catarina.

O nome do jogo é uma alusão a este animal que, quando se sente “fragilizado” comete suicídio enalhando em águas rasas. Analisando cuidadosamente os desafios desse jogo, percebe-se que se trata de um ritual de passagem: os desafios como “desenhar uma baleia”, “talhar na própria pele uma baleia” para, por fim, “ser uma baleia”, nada mais é do que uma forma de expressar a jornada vazia de sentido e significado na qual nossos jovens estão, a cada dia, mais e mais expostos. Uma jornada penosa e solitária provocadora de tamanha angústia que até leva alguns a enxergar, no suicídio proposto pelos curadores, a ilusão de um porto seguro que os apazigue.

Os principais sinais para identificar se um jovem está participando do jogo, são: mudança de comportamento, isolamento (especialmente de noite) e uso de roupas que tapam o corpo mesmo em dias quentes (o que pode esconder cortes). É comum que o jovem tenha baixa autoestima.

Figura 1: O início do desafio do jogo Baleia Azul



Fonte: THEOBALD, M. / Agência O Globo

Patrícia Lages a este respeito indica como funciona o jogo: “As primeiras missões parecem inofensivas, como acordar em horários específicos durante a noite, assistir a filmes de terror e ouvir sem parar uma música que te deixa triste.”

Elenca alguns dos desafios lançados pelo jogo Baleia Azul:

Desafio 1 – Com uma navalha, escreva a sigla “F57” na palma da mão e em seguida envie uma foto para o curador

Desafio 10 – Acorde às 04:20 h da manhã e suba em um telhado, quanto mais alto melhor

Desafio 16 – Faça algo doloroso, machuque-se, fique doente

Desafio 26 – O curador indicará a data da sua morte, e você aceitará

Desafio 28 – Não fale com ninguém o dia todo

Desafios 30 a 49 – Todos os dias, você deve acordar às 04:20h da manhã, assistir vídeos de terror, ouvir a música que o curador enviar, fazer 1 corte em seu corpo por dia, falar com uma

baleia (outro participante do jogo). Durante o intervalo dos desafios entre 30 e 49 (ou seja, fora isso, haverá outros desafios nesses dias)

Desafio 50: Tire sua própria vida

Figura 2: Mutilações na pele



Fonte: VENÂNCIO, G. 2017, p. 34.

Esses adolescentes, imersos em seu mundo privado, padecem especialmente do individualismo democrático, produto da derrocada da família enquanto porto seguro. A contemporaneidade vem cada vez mais fabricando pais que não sabem ser pais, e filhos que não sabem mais a quem recorrer. A pergunta cada vez mais frequente dos pais “O que eu posso fazer para ajudar o meu filho?” denuncia esse grau de fragilidade, e ganha, da parte dos adolescentes, a resposta: “Por favor, não diga o que contei aqui aos meus pais!” Isso sinaliza um total descrédito em seus pais como aqueles que estarão lá nos momentos difíceis (MILLER, 2007, p.19-33).

É do enfraquecimento da base familiar, da derrocada desse porto seguro, que esses adolescentes, desorientados e frágeis, irão se desgarrar para águas profundas desse mar de angústia: e é submergindo nesse mar que começam a surgir algumas baleias.

“Curadores”, a palavra originária do latim que significa *aquela que cuida* ganha contornos paradoxais traduzindo muito bem a inversão de valores na contemporaneidade cujo resultado é: pais, filhos e escola à deriva nesse mar de angústia.

Todos os dias há pais e professores que tentam, desesperadamente, conhecer seus filhos/alunos através dos médicos, psicólogos, fonoaudiólogos, etc., mas poucos que tentam conhecê-los diretamente. Em meio a tantos percalços, perderam o tato, não sabem mais conversar por causa do medo, talvez do que pode ser revelado desse mar.

Esse problema vem atrelado a outro: o da sedução constante dos entretenimentos vazios que infestam todas as mídias. A “diversão insossa”, pura e crua, marcada pela repetição, por exemplo, nos *games*, em que as ações vão se repetindo, à exaustão, até alcançar-se o sucesso proposto. Esse tipo de diversão passou a ser uma das prerrogativas diárias de muitos desses jovens. A gravidade disso é acentuada porque o mundo do capital, estruturado sobre a dinâmica do consumo, não tem a mínima preocupação em formar o caráter na perspectiva da criticidade, da generosidade, da solidariedade, da corresponsabilidade pela vida. Seu interesse está em vender produtos. Portanto, a internet, os *games* de computador, a televisão, os celulares, são hoje ferramentas tecnológicas predominantemente comprometidas com a coisificação das pessoas no mundo. Dentro dessa teia nobre de conhecimento – com muitos caminhos soberbos – o mais sedutor para as massas é o caminho do *ter*, da coisificação das pessoas, dos relacionamentos, da vida em geral. O educador Elydio dos Santos Neto e o artista Edgar Silveira Franco apresentam uma significativa análise sobre este fenômeno, como pode ser verificado, a seguir:

Quando o jovem participa de comunidades na internet, ele está criando laços com outras pessoas, por afinidade. Isso tem um lado maravilhoso, pois ele pode conhecer pessoas que possuem os mesmos gostos sem qualquer lugar do globo. Entretanto, existe outro lado na questão: o perigo de avaliar e julgar os outros seres humanos apenas a partir dessa “afinidade” que os une. Isso preocupa, pois os seres humanos são criaturas muito mais complexas que as facetas que conseguem apresentar num *site* que favorece a interação e os relacionamentos. Analisar o outro apenas por um aspecto que “nos une” é coisificar o outro. Eleger uma faceta como o todo. Isso contribui para que as relações humanas não tenham solidez e produz a expectativa que temos diante dos objetos utilitários: o celular fica obsoleto depois de um mês, não atende mais às exigências de novidade. Muitos jovens dessas novas gerações tratam as relações humanas como aquelas que têm com seus objetos de consumo: se a relação não me satisfaz de uma maneira, em um dos aspectos, deve ser descartada. Ao longo do tempo, isso pode acelerar os processos de intolerância e, no limite, de agressividade e exclusão. (SANTOS NETO; FRANCO, 2010, p.74)

É preciso encarar: afinal, de quem é o dever de educar esses jovens? Quem poderá resgatá-los de falsos portos seguros que não levam a nada? Os pais são os únicos responsáveis? A Escola? A lei?

É por precisar ser protegida das falsas propostas do mundo que a família se torna o local tradicional e seguro para a criança. Também a escola deve introduzir os novos discípulos no mundo, por ser uma instituição que medeia o mundo público e o mundo particular, fazendo a transição entre essas duas esferas. E já que a criança não tem a devida familiaridade com o mundo, deve ser introduzida aos poucos. O educador é um representante do mundo e também é responsável por ele. Tal responsabilidade não é imposta a bel prazer, mas está implícita no fato de que os jovens são introduzidos por adultos num mundo em constante mudança. Interessante a esse respeito é a reflexão da filósofa Hanna Arendt: “Qualquer pessoa que se recuse a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças, e é preciso proibi-la de tomar parte em sua educação.” (ARENDR, 2000, p. 239).

Jogos, como o da Baleia Azul, surgem em ondas e não costumam ser muito discutidos em nenhum grupo social, afirma Telma Vinha (apud SOARES, 2017), professora de Psicologia Educacional da Unicamp. Para ela, é importante que todas as pessoas que convivem com crianças e adolescentes fiquem atentas a possíveis mudanças de comportamento. E essa tarefa, é claro, também envolve a escola.

A pesquisadora sugere cinco dicas para lidar com o assunto nas escolas:

1) *Identificar alunos que precisem de ajuda.* Alunos mais frágeis, que enfrentam dificuldades, têm tendência a aderir a desafios como os oferecidos pelo jogo Baleia Azul. As crianças são envolvidas por uma necessidade de se sentir valorizadas, pertencentes a um grupo, de fazer algo desafiador e de experimentar sensações fortes. Esses estudantes podem estar passando por situações difíceis. Por isso, é importante que a escola passe a observar de perto mudanças de comportamento. Jovens em sofrimento tendem a ter alterações no desempenho escolar, menos apetite (e, portanto, podem perder peso), se tornar mais tímidos e ter episódios repentinos de choro. “Também é comum que eles procurem um professor de quem eles gostem apenas para estar perto mesmo. Nesses momentos, é comum que elas façam perguntas ou puxem assuntos que parecem não fazer muito sentido para o contexto.” (Apud SOARES, 2017, p. 3).

2) *Criar canais de ajuda.* Durante rodas de conversa, vale pedir que os alunos sugiram em quais canais eles acreditam: que pode ser importante para que colegas procurem

por ajuda dentro da instituição escolar. Vale discutir a diferença entre "delação" e "denúncia" com os jovens. É importante que os alunos criem confiança nos colegas para que se abram, mas precisam saber que, em situações mais extremas – como em casos que podem acabar em suicídio–, acionar um adulto é fundamental. "Não se trata de ser dedo-duro, mas de pensar como podemos ajudar uns aos outros." (VINHA, apud SOARES, 2017, p. 3).

3) *Preparar a equipe para atender os estudantes*. "Escutar é diferente de ouvir". A escuta precisa ser empática e considerar os sentimentos dos alunos. É comum que, ao encarar as reclamações dos estudantes, os adultos as diminuam ou menosprezem. Isso não pode acontecer. "A escuta deve ser na direção do que o aluno sente e não se opor isso". (Apud SOARES, 2017, p. 3).

4) *Instruir as famílias*. Mais do que apenas acionar a família quando for identificado que um aluno está passando por um momento difícil ou aderiu ao jogo Baleia Azul, vale fornecer informações para os responsáveis sobre o tema. Listar as possíveis mudanças de comportamento é uma boa opção. Também é interessante reforçar que a escuta deve dar suporte ao jovem e não retaliar suas ações e sentimentos. Em alguns casos, vale destacar que ajuda especializada pode ser encontrada em postos de saúde e Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). (VINHA, apud SOARES, 2017, p. 3).

5) *Discuta abertamente o jogo*. Se a escola identificar que algum aluno está participando do jogo ou que ele entrou na conversa dos estudantes, é importante discutir abertamente sobre o assunto. Telma Vinha, sugere que, em rodas de conversa, o orientador educacional (caso haja essa figura na escola) ou o próprio professor faça perguntas como: O que sabemos sobre o jogo? O quanto disso será que é verdade? Por que os "curadores" têm interesse em manipular os participantes? Por que as pessoas participam do jogo?

Compreendendo melhor essas questões, os estudantes podem repensar a vontade de participar ou não dele. Durante a conversa, procure-se não apresentar julgamentos pois o jovem costuma aceitar a aproximação, se houver confiança. (VINHA, apud SOARES, 2017, p. 3).

Conclusão

A escola, como parte integrante no processo de formação intelectual do indivíduo, proporciona relações interpessoais, fundamentais à educação.

A Constituição Federal de 1988 em conjunto com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e com o Estatuto da Criança e do Adolescente garantem a formação cidadã do aluno, o respeito aos Direitos Humanos, representando um grande avanço no sistema educacional.

Contudo, a violência no âmbito escolar tem assumido especial relevância sendo considerada um desafio aos professores e pais: o que reclama uma abordagem interdisciplinar.

Alunos vítimas de violência, de *bullying*, possuem baixa autoestima, não se interessam pelas atividades propostas pela escola e possuem ideia fixa de tentar o suicídio. Essa depressão entre estudantes foi por muito tempo ignorada, porém, ante ao aumento significativo do suicídio, passou a ser considerada como uma das principais causas de morte entre jovens.

Adolescentes mais introvertidos são incapazes de partilhar o seu sofrimento e, por isso, estão mais vulneráveis e expostos a risco.

A rede social vem sendo palco para grupos que não só romantizam o suicídio, como também usam do desafio Baleia Azul para incentivar tal ato.

Os jovens passam muito tempo nas redes sociais e os pais, em sua maioria, desconhecem o que o filho acessa ou com quem conversam. É preciso diálogo.

A contemporaneidade vem cada vez mais fabricando pais que não sabem serem pais e filhos que não sabem mais a quem recorrer. É a derrocada da família enquanto porto seguro. Neste momento que os “curadores”, responsáveis por propor o desafio da Baleia Azul, entram em cena incentivando o suicídio por meio de desafios.

Jogos como o da Baleia Azul não costumam ser discutidos em sala de aula e é importante que os pais e a escola conjuntamente fiquem atentos a possíveis mudanças de comportamento dos jovens, até para o combate ao suicídio.

As escolas devem falar abertamente do jogo Baleia Azul, porque a prevenção é, neste caso, melhor remédio do que a repressão.

É preciso abrir os olhos de mães e pais, que em muitos casos, não pensam duas vezes antes de preencherem todo o seu tempo sem incluir os filhos em suas agendas abarrotadas de compromissos pessoais e profissionais.

Pais que decidem ter filhos são responsáveis por ele e precisam abrir mão de coisas menos importantes para poder educá-lo de verdade, dar atenção, tempo, conhecer o mundinho

em que vivem (isso não cabe à escola, à creche, aos avós, nem às babás). Não possuem mais condições de terem uma vida igual à de quem não tem filhos.

Dinheiro nenhum nesse mundo vai preencher o espaço vazio dos pais na vida de um filho. E nem vai preencher o espaço vazio dos pais de um filho que tirou a própria vida.

Por outro lado, existe um pano de fundo nessa situação toda, temos que ampliar a nossa análise e não simplesmente pensar no jogo Baleia Azul como único fator desencadeador de suicídios.

Não é sintomático, no mínimo, que a juventude do século XXI esteja trancada em casa maratonando jogos porque já não tem paciência (ou habilidade, nunca saberemos) para relações interpessoais.

O suicídio vem de uma desesperança. A pessoa se vê sem opção, não acha uma saída para aquilo que está enfrentando e a morte se torna a única saída. É preciso ajudar o jovem a entender que a saída existe. Que sempre há uma solução.

Dessa forma, conclui-se que a temática analisada neste artigo é de suma importância para a formação acadêmica, apontando para a aplicação prática dos conhecimentos bibliográficos obtidos, com base nos princípios éticos proclamados na Constituição e na Legislação, necessários à execução de um futuro projeto visando discutir, averiguar, o papel dos pais, professores e responsáveis na prevenção e combate do suicídio no âmbito escolar.

Referências

ALKIMIN, M.A; NASCIMENTO, G.A.F. **Bullying nas escolas**: de acordo com o Código Civil e com o Estatuto da Criança e do Adolescente. Campinas: Alínea, 2012.

ARENDT, H. **Entre o Passado e o Futuro**. Tradução Mauro W. Barbosa. 5. ed. São Paulo: Perspectiva. 2000.

BLAYA, C. **Violência e maus-tratos em meio escolar**. Lisboa: Instituto Piaget, 2008. (Coleção Horizontes Pedagógicos, 145).

BRANDALISE, C.; PEREZ, F. A tragédia do suicídio juvenil. **Istoé Independente**, São Paulo, n. 2471, 20 abr. 2017. Disponível em: <<http://istoe.com.br/tragedia-suicidio-juvenil/>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de

1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 20 abr.2017.

_____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 20 abr. 2017.

COSTA, R. J. Violência na escola: verdadeira ou falsa questão? **A Página da Educação**, Porto, ano 10, n. 101, p. 16, 2001. Disponível em: <<http://www.apagina.pt/?aba=7&-cat=101&doc=8362&mid=2>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

HENRIQUES, Ana. Baleia Azul: Escolas têm de falar abertamente do tema. **Público**, Lisboa, 4 maio 2017. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2017/05/04/sociedade/noticia/baleia-azul-escolas-tem-de-falar-abertamente-do-tema-1770877>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

LAGES, P. Desafio da Baleia Azul: precisamos falar sobre isso. **Bolsa Blindada**, 21 abr. 2017. Disponível em: <bolsablindada.com.br/desafio-da-baleia-azul-precisamos-falar-sobre-isso/>. Acesso em: 17 jul. 2017.

MACIEL, T.S. Educação em direitos humanos na formação de professores. **Revista RIDH**, Bauru, v.4, n.2, p.43-57, jul./dez., 2016.

MILLER, J. A. Em direção à adolescência. Tradução de Cristina Vidigal e Bruna Albuquerque. In: CALDAS, Heloísa (Org.). **Errâncias, adolescências e outras estações**. Belo Horizonte: EBP, 2016. p.23-38.

OLIVEIRA, B de. Entre as 13 razões e os 50 desafios: um resumo analítico da série ThirteenReasonsWhy e dos desdobramentos do chamado jogo da Baleia Azul. **REVASF**, Petrolina, v. 6, n.11, p. 172-175, dez. 2016.

RAMPAZZO, Lino. **Bullying na visão interdisciplinar**: uma possível contribuição da teologia In: NASCIMENTO, Grasielle Augusta Ferreira; ALKIMIN, Maria Aparecida. (Orgs.). **Bullying**: visão interdisciplinar. Campinas: Alínea, 2011. p. 147-177.

SANTOS, A.K.C.M.C; RAMOS, N. Violência e *Bullying* em contexto escolar: contributos da perspectiva cultural. **Cad. Pes.**, São Luís, v. 23, n. 2, maio/ago. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18764/2178-2229.v23n2p16-30>>. Acesso em: 03 jul.2017.

SANTOSNETO, Elydio dos; FRANCO, Edgar Silveira. Os professores e os desafios pedagógicos diante das novas gerações: considerações sobre o presente e o futuro. **Revista de Educação do COGEIME**, São Paulo, ano 19, n.36, p. 9-25, jan./jun. 2010.

SILVA, A.B.B. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SOARES, W. O que é o jogo Baleia Azul e como abordá-lo na escola. **Gestão Escolar**, São Paulo, 20 abr. 2017. Disponível em: <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/1790/jogo-baleia-azul-o-que-a-escola-pode-fazer>>. Acesso em: 20 abr.2017.

THEOBALD, M. Jogo Baleia Azul é alvo de investigação. O que você precisa saber sobre o jogo Baleia Azul. **O Globo**. 24 abr. 2017. Disponível em:

<http://blogs.oglobo.globo.com/eissomesmo/post/o-que-voce-precisa-saber-sobre-o-jogo-da-baleia-azul.html> >. Acesso em: 17 jul. 2017.

VENÂNCIO, G. Conheça os 50 desafios de “A Baleia Azul – O jogo do Suicídio”. **Portal Interessante**. 12 abr. 2017. Disponível em: < <http://portalinteressante.com/conheca-os-50-desafios-de-baleia-azul-o-jogo-suicidio/>>. Acesso em 17 jul. 2017.